



A imagem do professor no rádio: aproximações, representações e miragens reconstituídas¹

Ana Luisa Zaniboni Gomes²

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA/USP

Resumo

Este artigo tem a proposta de identificar e refletir sobre como a imagem do professor aparece composta nos meios de comunicação de massa em nosso país, particularmente no rádio, e de que forma se dá a construção dessa representação. A pesquisa, vinculada aos estudos comunicacionais que reconhecem as construções discursivo-verbais como instâncias que evocam e constroem campos de sentidos, utilizou como *corpus* oito reportagens de cinco emissoras de porte sediadas em grandes municípios do centro-sul do Brasil e cujas pautas foram dedicadas à figura do professor. Dos assuntos ao redor dos quais os discursos jornalísticos da amostra se construíram, destacam-se as condições inadequadas de trabalho nas escolas, a baixa remuneração da profissão, a necessidade de mais qualificação e a desvalorização da carreira.

Palavras-chave

Professor; rádio; discurso da mídia; produção de sentido; representação social no rádio.

Corpo do trabalho

Pauta diária da grande mídia no Brasil, a educação vem adquirindo espaços maiores, mais qualificados e quase obrigatórios em noticiários jornalísticos. É assunto de inúmeros programas de entrevistas, debates, variedades ou mesmo publicações especializadas.

Grupos de pesquisadores dedicados a analisar o quanto, onde e como a educação aparece na imprensa brasileira ratificam o comportamento ascendente no tratamento do tema, na última década (ANDI, 2009). Entretanto, as notícias que falam do professor são minoritárias nesta vastidão de informações sobre a educação. Quando focados, os professores são geralmente apontados como responsáveis pela situação crítica da

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, no XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Bacharel em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Especialista em Gestão de Processos Comunicacionais pela ECA/USP, Mestre em Ciências da Comunicação e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação da ECA/USP. Jornalista profissional diplomada, é gestora de projetos da OBORÉ desde 1995. Endereço eletrônico: analuisa@obore.com; analuisagomes@usp.br



educação e pela baixa motivação de seus alunos. (FERREIRA ET AL, 2009; FERREIRA, 2010).

Um dos motivos pelos quais a voz dos docentes fica, com frequência, fora da pauta da mídia é que muitos são proibidos de expressar livremente suas opiniões, alerta o *Guia de Referência para a Cobertura Jornalística* (ANDI, 2009):

“Muitos professores ou diretores são proibidos - em função dos parâmetros legais que regulam as atividades dos servidores públicos - de expressar livremente suas opiniões para os jornalistas. Antes de fornecer qualquer depoimento para veículos de comunicação, esses profissionais precisam solicitar uma autorização às assessorias de imprensa. Mesmo quando são autorizados a falar, ainda assim, correm o risco de ser punidos caso a opinião emitida seja considerada depreciativa. Por esta razão, em muitas ocasiões, a única maneira de conseguir o depoimento de um profissional da educação é apelando para o recurso do ‘off’ (ou seja, sua identidade não pode ser revelada publicamente).” (ANDI, 2009:89).

Mas ainda que não seja a “lei da mordaza” - presente até 2008 em 18 estados brasileiros - o principal motivo a ocultar da mídia a face do professor em atividade, é notório que a ausência dessas vozes, desses rostos e de suas histórias em muito prejudicou a qualidade da informação recebida pela sociedade sobre o entendimento do papel de um dos principais atores da estrutura de nosso sistema educacional.

É justamente este cenário, dimensionado para um contexto transdisciplinar da produção de sentidos, que nos motiva a refletir sobre como a imagem do professor aparece composta nos meios de comunicação de massa em nosso país e de que forma se dá a construção dessa representação.

Estudiosos da comunicação humana defendem que o ato de comunicar é uma das bases para a construção do conhecimento e da produção de sentido. Como bem aponta Marcuschi (2003:244), o mundo comunicado é consequência de ações discursivas onde o dizer é um modo dialógico e interativo de construir a realidade: “é fruto de uma operação que executamos cooperativamente sobre o mundo num esforço de construí-lo discursivamente para nossos propósitos”.

Trata-se de reconhecer que os sentidos de um texto - aqui compreendido enquanto qualquer tipo de comunicação realizada através de um sistema de signos, como define Koch (1984:21) - provêm da enunciação retrabalhada a partir da relação do leitor com o seu mundo. Daí investigar, nesta multiplicidade simbólica e discursiva, a maneira pela qual se dá a construção de uma representação.



O assunto nos mobilizou a todos, integrantes de um grupo de pesquisadores do Programa de Pós Graduação em Ciências da Comunicação da ECA/USP, na área Interfaces Sociais da Comunicação e com estudos dirigidos para a linha de pesquisa Comunicação e Educação. O grupo tomou a si este desafio e, após definir lugares de prospecção tais como jornal diário, revista semanal, rádio, televisão, peças publicitárias e cinema, passou a discutir como organizar os diversos temas observados em cada uma das mídias de forma a criar categorias comuns de análise e entendê-las como uma atividade discursiva.

O conceito de categoria foi inaugurado pela filosofia grega para explicar os parâmetros que criam as condições para a organização do mundo e que impõem uma classificação às coisas. (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2011). Em Marcuschi (2003:251), categorias são mais modelos sociais que mentais tendo em vista seu processo de constituição: “são elaboradas no processo dinâmico de interlocução cooperativamente desenvolvida”. Como não há categorias naturais porque não existe um mundo naturalmente categorizado, é preciso criá-las, já que toda nossa expressão do mundo é mediada pelo conceito que se revela discursivamente. Para o autor, a recorrência pode ser considerada um parâmetro fundador de categorias: quando as situações empíricas cotidianas são contempladas em seu aspecto de recorrência, podemos ligá-las à própria condição humana; nossos conhecimentos armazenados são invocados por similaridade e com isso determinam nossos próprios conhecimentos. Assumimos, pois, esta operação explícita para justificar a adoção da recorrência como forma de categorizar nossos temas de análise.

Mas o que de fato pretendemos neste artigo é relatar nossas primeiras aproximações com o objeto de pesquisa na mídia radiofônica e indicar respostas à problematização anunciada - como é composta a imagem do professor no rádio e de que forma se dá a construção dessa representação.

Nosso ponto de partida foi definir em que tipo de emissora e em qual gênero de programa radiofônico centralizaríamos nosso estudo. Considerando que os lugares de prospecção apontados para o objetivo geral de pesquisa foram os meios de comunicação de massa, portanto, veículos grandes e de expressão regional ou nacional, optamos por trabalhar com emissoras comerciais e educativas e delas investigar programas com foco jornalístico. Considerando também a possível atuação da “lei da mordaza” até 2008, optamos pelo recorte cronológico a partir desta data. Outro elemento condicionante foi



o acesso a material disponível em arquivos digitais e com possibilidade de indexação a fim de facilitar a seleção de temas de nosso interesse direto.

Foi a partir desses referenciais que cogitamos trabalhar com matérias de rádio inscritas no Grande Prêmio Ayrton Senna de Jornalismo de 2010, tradicionalmente focado na educação. Consultada a direção do Instituto Ayrton Senna - entidade organizadora e patrocinadora do Prêmio - foi autorizada a consulta ao acervo e a reprodução digital do material pré-selecionado³.

Em 2010, ano de sua 10ª e última edição, o Ayrton Senna recebeu 1.516 inscrições de veículos de comunicação de todo o Brasil, com matérias produzidas e veiculadas entre os meses de janeiro de 2008 e dezembro de 2009. Das reportagens inscritas, 673 referiam-se à categoria Jornal, seguidas por Televisão (274), Revista (242), Rádio (200) e Internet (127).

Uma das grandes surpresas da edição, segundo seus organizadores, foi o aprofundamento dos desafios da educação nas reportagens de rádio, reforçando o papel social desta mídia nas regiões do interior do país, ainda com forte tradição oral e muitos analfabetos em suas estatísticas. Nesta categoria concorreram 200 matérias oriundas de 78 emissoras, dentre as quais educativas, públicas, comunitárias e comerciais, tanto AM quanto FM.

Na consulta que efetuamos junto a este acervo específico de rádio, em dezembro de 2010, pré-selecionamos 68 matérias (34% das inscritas na categoria), independentemente de terem sido ou não escolhidas pelas comissões julgadoras nas três fases decisórias. Os critérios preponderantes foram os registros dos títulos e assuntos nominados nas respectivas fichas de inscrição. Após cuidadosa audição, encontramos oito reportagens oriundas de cinco estações de rádio cujas pautas estavam, de fato, diretamente ligadas à figura do professor. Nossa amostra de pesquisa, portanto, reduziu-se a 4% do universo das 200 matérias, referindo-se a 14% das 68 produções analisadas.

Deste modo, passamos a localizar e registrar os temas abordados nas matérias e os enfoques de cada reportagem - ou seja, os modos de considerar ou entender um assunto ou questão, conforme sintetizado na *Tabela 01*. Em seguida, dedicamo-nos a

³ Este acervo reúne cerca de 12 mil matérias inscritas ao longo da década de existência do Prêmio. Por regulamento, os trabalhos inscritos passam por três etapas de seleção. Na primeira fase, são escolhidos até quinze de cada categoria: jornal, televisão, rádio, revista e internet. Na segunda, são definidos os cinco melhores trabalhos por categoria. Os vencedores são finalmente eleitos por uma Comissão Julgadora. O júri é formado de jornalistas independentes, representantes de veículos de comunicação e especialistas em educação. Informações referentes ao GP estão disponíveis em <http://senna.globo.com/institutoayrtonenna/>.



analisar de que forma esses temas e enfoques foram utilizados para compor a imagem do professor nessas emissoras sediadas em municípios como Belo Horizonte (MG), Porto Alegre (RS), Brasília (DF), São Paulo e Campinas (SP).

Tabela 01: Matérias de rádio selecionadas para pesquisa sobre a imagem do professor na mídia

Emissora	Matéria, série e/ou programa	Principais temas abordados	Enfoque
Band News FM São Paulo, SP 90,9 MHz	<i>O papel do professor.</i> Tema do programa <i>Nossos Filhos</i> , edição de 05.09.2009.	- trabalho do professor - papel do professor - cotidiano do professor	Fala do trabalho do professor e do papel de referência que desempenham na vida dos alunos. Apresenta também depoimentos de professores sobre como enfrentam suas questões cotidianas na sala de aula.
Câmara FM Brasília, DF 96,9 MHz	<i>Piso salarial para professor: conquista ou solução?</i> Tema do programa <i>Trocando Ideias</i> , edição de 03.07.2008.	- questões salariais - questões de carreira - valorização do magistério	Trata do projeto de lei que propõe um piso salarial para professores da rede pública como forma de revalorizar o magistério, combater a estigmatização da carreira docente e garantir qualidade do ensino.
UFMG Educativa Belo Horizonte, MG 104,5 MHz	<i>Reformulação do ensino médio.</i> Matérias veiculadas no programa <i>UFMG Notícias</i> , edição de 05.08.2009.	- formação de professores	Discute a nova proposta do ensino médio e a necessária adequação da atual formação dos professores diante da interdisciplinaridade exigida nessa reformulação.
Band News FM Campinas, SP 106,7 MHz	<i>Desafios da Educação: melhorar a qualidade da escola pública.</i> Matéria veiculada no <i>Jornal da Band News FM – 1ª e 2ª edição</i> , de 10.02.2009.	- avaliação de professores	Aborda o sistema de avaliação de professores no sistema público de ensino no estado de SP. Atribui ao estágio probatório algumas melhorias na rede como redução das faltas dos professores, estímulo à capacitação, melhoria do ambiente escolar, da criatividade e do aprendizado dos alunos.
Bandeirantes FM Porto Alegre, RS 99,3 MHz	<i>Violência nas escolas: causas, consequências e soluções.</i> Série de três matérias veiculadas no programa <i>Ciranda da Cidade</i> , de 04.06.2009.	- questões de violência no ambiente escolar - perda da autoridade em sala de aula	A violência escolar é tratada a partir do ponto de vista de professores e alunos agredidos e de discussões sobre a falta de autoridade do professor na sala de aula.

Para efeito de análise, identificamos dez temas ao redor dos quais os discursos jornalísticos desta nossa amostra se constroem: *trabalho do professor; papel do professor; cotidiano do professor; questões salariais; questões de carreira; valorização do magistério; formação de professores; avaliação de professores, questões de violência no ambiente escolar e perda da autoridade em sala de aula.* Vamos, pois, percorrê-los através da descrição do *corpus* selecionado e analisá-los a partir de três eixos temáticos: (1) trabalho, (2) carreira e (3) cotidiano, considerando que são situações centrais e recorrentes da experiência profissional – incluindo, evidentemente, o magistério – portanto, aptas a serem consideradas como categorias de análise, neste nosso estudo.



Professores: imagens e representações

Na edição de 5 de setembro de 2009 do programa *Nossos Filhos*, veiculado em dois horários diários na *Band News FM* de São Paulo, especialistas, professores e pais conversam e avaliam, em pequenos blocos de entrevistas, o trabalho do professor e o papel que desempenham na vida dos alunos. Sob o título *O papel do professor*, o programa apresenta também depoimentos de docentes sobre o enfrentamento de suas questões cotidianas na sala de aula.

As pautas abordam o tema de forma ampla, com visão centro-sul – o foco territorial da audiência classe média da emissora, sediada na capital paulista. Para falar sobre formação de professores, escolha da profissão, remuneração docente, ética profissional, violência escolar e respeito à função docente são entrevistados profissionais do ensino fundamental, médio e superior, diretores, mães de alunos e psicólogos, em localidades como Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo, Campinas, Brasília e Belo Horizonte. Permeando as entrevistas, há fartos comentários e análises ao vivo da apresentadora e da especialista convidada em estúdio - dupla titular do programa.

Na entrevista de uma das coordenadoras da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), o primordial na formação de um professor é saber identificar as dificuldades e as diferentes formas de aprendizado dos alunos, já que ao professor cabe decidir sobre o quê e como fazer em sala de aula. Na educação infantil, segundo ela, é preciso compreender o universo da infância e saber dialogar com isso. No fundamental, o professor deve contar com uma forte bagagem de cultura geral e saber introduzir essa vivência nas discussões com os alunos. No ensino médio, cabe a ele saber lidar com os conteúdos e aperfeiçoar a sua maneira de ensinar.

Indagado se a ética é relevante na profissão, um acadêmico da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP) reflete sobre o conjunto de valores e princípios que balizariam as ações do professor. Para o educador, é preciso saber distinguir entre o que é essencial e o que é fundamental: se o respeito entre professor e aluno, por exemplo, é um valor essencial, tem que ser buscado e defendido a todo momento.

A violência que vitima os professores é exemplificada com números do Ministério da Educação (MEC): em 2007, 40% dos professores da rede privada e 37% da pública já tinham sido agredidos fisicamente por alunos, ao menos uma vez na vida.



Lesões corporais, tentativas de homicídio, homicídio e agressões com revólver, faca, canivete ou pedaços de madeira são citados por professores da rede privada do estado do Rio de Janeiro nos relatos sobre tipos de violência física sofridos em suas trajetórias docentes.

Neste cenário da *Band News FM*, a coragem é reforçada e enaltecida como uma das qualidades imprescindíveis, atualmente, para quem quer abraçar a carreira. São exaltadas também a capacidade de equilíbrio emocional para decisões cotidianas e uma adequada formação para se adaptar ao tipo de aprendizagem exigido em cada um dos níveis do sistema educacional.

Fruto de uma série de reportagens sobre o quadro da educação no Brasil, o programa *Trocando Ideias*, produzido e transmitido pela *Rádio Câmara FM*, de Brasília, em 3 de julho de 2008, é inteiramente dedicado a discutir o piso salarial nacional unificado dos professores na rede pública. O foco do programa é a desvalorização do magistério e os baixos salários, o que ocasiona falta de profissionais no ensino básico e a decadência da estrutura das escolas públicas, responsáveis por cerca de 80% dos estudantes do país.

Um quadro desanimador é apresentado logo no início do programa, em tom grave, sem efeito sonoro ao fundo: “humilhação, misto de tristeza, vergonha e falta de estímulo, salários de fome, total falta de estrutura nas escolas do Brasil”. Ao longo da matéria, uma das ações urgentes destacada para romper com este quadro é valorizar o professor, a começar pelo seu salário. O aumento salarial estaria diretamente ligado ao aumento da qualidade de vida dos profissionais da educação pois recuperaria o estímulo, o respeito e a dignidade da carreira, assim como um tempo regular para atividades de qualificação, já que a formação continuada é vital dada a grande quantidade de professores com média formação na rede pública.

No caso do programa analisado – *Piso salarial para professor: conquista ou solução?* - a questão salarial é discutida de forma aprofundada e explícita a ampla rede de negociações acionada para tratar da própria carreira no magistério pois estende-se para todo o conjunto de trabalhadores do setor: professor, administrador escolar e educadores em cargos de inspeção, planejamento, supervisão e orientação educacional. De fato, a pauta se propõe a discutir se aumento no salário de professor resolve a situação da escola e da educação. O que se destacou no discurso da emissora foi que a questão salarial ajudaria a explicar o déficit de 250 mil professores na rede pública nas áreas de Química, Biologia, Física e Matemática, segundo dados recentes do MEC.



A série *Reformulação do Ensino Médio* foi produzida pela *Rádio UFMG Educativa* no período de constituição das audiências públicas obrigatórias na Câmara dos Deputados para votação do projeto de mudança do ensino médio no país. Veiculado no programa *UFMG Notícia*, de 5 de agosto de 2009, discute a necessária adequação da atual formação dos professores diante da interdisciplinaridade exigida nessa reformulação. Após as audiências, o projeto aguardaria parecer final do Conselho Nacional de Educação (CNE) antes de tornar-se referência em todo o território nacional.

As pautas da edição deram destaque às principais mudanças propostas pelo MEC para o setor, considerando a urgência em acabar com o seu caráter conteudístico: agrupar as matérias obrigatórias em três grandes áreas – *Linguagens e Códigos*, *Ciências da Natureza e Matemática* e *Ciências Humanas*; oferecer maior autonomia às escolas para que definam o seu projeto político-pedagógico; facultar ao aluno a decisão de escolher até 20% de sua carga horária dentre as diversas atividades oferecidas pela escola, aumentar a carga horária de 2.400 horas anuais para 3.000 e incentivar o uso de laboratórios e oficinas durante todo o curso como forma de aliar teoria à prática.

No primeiro programa da série são apresentadas duas entrevistas – uma com o então deputado relator do projeto e outra com uma professora especialista em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Para o deputado, acabar com o caráter conteudístico do ensino médio depende dos professores, que precisam trabalhar as suas disciplinas de maneira integrada para que façam sentido para a vida do aluno. Na opinião da especialista, as mudanças radicais e urgentes vão melhorar a educação brasileira mas dependem da capacitação de professores para esse novo desafio.

O segundo programa relaciona a mudança nas orientações do ensino básico e o trabalho do professor, nesta nova lógica. Três fontes abordam a questão sob aspectos diferenciados mas a partir de um mesmo olhar: tudo continuará a depender da competência dos professores. A primeira fonte põe em questão a formação ao afirmar que a maior parte das licenciaturas prepara docentes para ministrar aulas de conteúdos específicos e sem apontar ou provocar relações entre as disciplinas. A segunda fonte insiste na importância do trabalho integrado sem abrir mão dos conteúdos obrigatórios de cada disciplina e atribui ao “conservadorismo dos próprios professores” a dificuldade de trabalhar desta forma em sala de aula, conferindo mais flexibilidade ao currículo. A terceira fonte entende que é preciso investir na formação continuada, adaptando a metodologia atual às novas exigências do ensino médio através do incentivo aos



projetos de extensão e de pesquisa nas licenciaturas, ainda pouco explorados mas preches de novas práticas.

Em síntese, as imagens discursivas diretas ou indiretas construídas para o professor ao longo dos dois programas da *Educativa UFMG* referem-se a alguém que carrega em si a responsabilidade por todas as mazelas da educação. Assentam-se na premissa de que as mudanças que ocorrerão no ensino médio para melhorar a educação brasileira dependem exclusivamente de professores capazes de assumir mais esse desafio.

A edição de 10 de fevereiro de 2009 do *Jornal da Band News FM – 1ª e 2ª edição* foi produzida e gerada na região de Campinas (SP) e aborda o sistema de avaliação de professores na rede pública de ensino no estado. Centrada no questionamento da qualidade da escola pública, a matéria *Desafios da Educação* confirma que esta não tem conseguido acompanhar os parâmetros que uma educação de qualidade demanda. Uma das soluções apontadas na reportagem é a avaliação regular de professores. O exemplo destacado é o do estágio probatório na rede, que na apuração da repórter junto a escolas locais, reduzira o número de faltas dos professores e a quantidade de atestados médicos apresentados.

Uma das fontes, ligada à Secretaria Estadual da Educação, afirma que tornar o ambiente escolar mais agradável é papel do professor e que isso depende da dedicação de cada um. Defende também que a qualificação e a satisfação dos profissionais que estão à frente da sala de aula são exemplos importantes de como a educação pode melhorar.

Aqui, novamente, as situações discursivas carregam o cotidiano do professor de responsabilidades acerca da qualidade da educação na escola pública. Seja porque um sistema de avaliação permanente impõe mais controle sobre o seu trabalho e o seu comportamento docente, seja porque cabe ao professor tornar o ambiente escolar mais agradável e, com isso, impulsionar a aclamada educação de qualidade.

Nas três reportagens da série *Violência nas escolas: causas, consequências e soluções*, da *Rádio Bandeirantes* de Porto Alegre (RS), a questão é tratada a partir de depoimentos de professores e alunos agredidos, além de discussões sobre a falta de autoridade do professor em classe.

Na primeira reportagem, veiculada dia 4 de junho de 2009 no programa *Ciranda da Cidade*, seis professores da rede pública e privada falam sobre as formas de violência instaladas em seu cotidiano escolar e montam um quadro bastante grave da situação.



Assim, corroboram a afirmação da representante do Conselho Estadual da Educação, também entrevistada, de que a cada dia as denúncias aumentam, a violência vem se agravando ao longo da década e o assunto ainda não gerou profundas discussões entre o poder público e a sociedade civil.

Nas entrevistas, os professores reconhecem que não estão preparados para enfrentar situações de agressão e muitos temem fazer denúncias porque passariam a imagem de “quem não tem pulso firme para controlar a sua própria classe”. Citam também que a escola não tem cumprido o seu papel de subsidiar o professor no seu trabalho diário em sala de aula: “pedimos socorro e esse socorro não vem”. Os exemplos são chocantes, como a da professora de 4ª série, de 25 anos, que foi agredida por uma aluna de 15, sofreu traumatismo craniano, entrou em choque e desistiu de dar aula. Outro caso é o de uma professora com 34 anos de magistério na rede pública, que apesar das recordações maravilhosas de sua carreira, já chegou a sofrer agressões físicas de alunos como soco no estômago e pedradas de estilingue. Vários outros depoimentos referem-se a todo tipo de agressão, como xingamentos, assédio sexual, pedradas no rosto, pontapés, ou até mesmo morte de um professor que teve seu abdômen perfurado com estilete após tentativa de apartar a briga entre dois alunos, no recreio.

Já o segundo programa destaca que a violência não acontece apenas com os professores; está em toda a parte e é sintoma de um quadro social mais amplo. Se a violência invade as escolas e chega à sala de aula, todos que convivem nesse ambiente são vítimas, sejam professores, diretores, funcionários ou alunos. Em síntese, a pauta tenta responder sobre o alcance e a origem da violência. Como era de se esperar, a matéria não responde mas levanta visões a serem consideradas, como por exemplo, a do titular da Delegacia do Adolescente Infrator, um dos entrevistados da edição.

Para o delegado, a violência na escola abala a educação porque reflete no desempenho dos professores, na dificuldade em dar aula, na carga elevada de trabalho e nos baixos salários, o que gera uma espécie de intolerância recíproca que acomete a relação professor - aluno. Ao referir-se também a brigas entre os próprios alunos, que fazem da escola o palco de um acerto de contas por fatos ocorridos fora dela, reforça a sua hipótese de que a escola e os professores não estão preparados para receber crianças e adolescentes oriundos de periferias, com alto índice pobreza e histórico de violência familiar.

Outro ponto levantado na entrevista de uma pesquisadora na área da Psicologia da Educação é que muito do que acontece na sala de aula que não fez parte das apostilas



nem das aulas de didática, durante a licenciatura. Sua pesquisa ouviu 120 professores da região sul e aponta um sentimento unânime de desvalorização profissional aliado à falta de condições para lidar com os problemas diários de uma sala de aula e de seu entorno. Segundo a pesquisadora, é cobrado do professor saber o conteúdo acadêmico, desempenhar bem as suas funções tanto pedagógicas quanto técnicas e administrativas e ainda lidar com o turbilhão emocional, social e cognitivo de crianças e adolescentes. Para a reportagem, talvez disso decorra o déficit de seis mil professores sentido na rede pública do Rio Grande do Sul, em 2009.

Na terceira e última reportagem da série, a ausência de autoridade do professor na sala de aula é analisada como um possível reflexo das relações familiares esgarçadas. Ainda na tentativa de responder sobre a origem da violência na escola, a pauta chama por entrevistas com especialistas, psicólogos e consultores na área da educação. Todos entendem que a ausência de autoridade do professor em sala de aula é sentida tanto pelo mestre quanto pelo aluno: os pais não podem abrir mão da responsabilidade de educar pois a falta de autoridade em casa transfere o desrespeito dos filhos aos seus professores. Em entrevista, uma educadora desabafa sobre os inúmeros papéis que tem que desempenhar em sala de aula: “psicóloga, psiquiatra, enfermeira, pai, mãe, além do papel de ensinar”.

Neste material da *Bandeirantes* produzido por sua equipe gaúcha e veiculado em âmbito regional, as falas apresentadas nas reportagens instigam a reflexões acerca da violência social generalizada que não poupa o mundo da escola. Nele, a comunidade escolar ainda não tomou para si, efetivamente, o enfrentamento dessa questão. Professores reconhecem a falta de preparo para lidar com tais situações e temem macular sua imagem de autoridade se denunciarem o que enfrentam ao zelar pela disciplina da classe. Por sua vez, a unidade escolar não subsidia o professor em suas dificuldades porque ela mesma não sabe com enfrentar a questão, a não ser chamando a polícia. A comunidade e a família, ambas sabidamente também responsáveis pela educação dos pequenos e jovens cidadãos, na maioria dos casos estão omissas ou se sentem incompetentes para tal, e acabam transferindo toda essa formação para a escola. Isso acarreta sobrecarga de papéis para o professor, gerando um sentimento unânime de frustração e desvalorização profissional. Ele se sente desrespeitado pelo sistema escolar do qual faz parte, tanto por sua remuneração insuficiente como por falta de condições adequadas de trabalho e preparo para lidar com todos os problemas que envolvem o cotidiano de uma sala de aula e de seu entorno.



Miragens reconstituídas

Após palmilhar uma a uma as oito matérias a fim de compreender a maneira pela qual a imagem do professor é abordada no meio radiofônico, podemos afirmar que o material analisado exhibe informações genéricas e generalizadas sobre a educação enquanto política pública, referindo-se a um sistema quase falido, deficitário, sem controle e de baixa qualidade. Nessa abordagem, os alunos são desmotivados, os professores desvalorizados e distantes de sua “missão” e os pais ausentes da vida escolar dos filhos.

Quanto aos assuntos ligados diretamente ao professor, geralmente são convocados pesquisadores, acadêmicos e especialistas para discorrer sobre como deveria ser o trabalho docente dentro e fora da sala de aula. Quando consultadas, as organizações não-governamentais especializadas discursam pela educação pública de qualidade, buscando preencher as lacunas deixadas pelo Estado, principalmente através de ações ligadas à gestão escolar, qualificação de professores, novos recursos de ensino-aprendizagem e mobilização de pais e familiares para participação ativa na vida escolar de suas crianças e jovens. Destacamos, entretanto, que a necessidade de maior qualificação dos professores, as condições de trabalho inadequadas nas escolas, a baixa remuneração percebida pela categoria e as referências à falta de valorização profissional são tônica dominante na maioria das reportagens radiofônicas analisadas.

Um ponto nos parece merecer atenção especial por ressaltar a citação inicial deste artigo: apesar de notícias sobre educação serem abundantes na mídia, são poucas as que falam do professor. Como vimos, de um universo de duas centenas de matérias, apenas oito utilizam a figura do professor como foco, ou seja, 4% de toda a produção. E isso não exala de um universo difuso, mas de material inscrito voluntariamente em um importante prêmio jornalístico brasileiro que reconhece a educação como um tema em ascensão na mídia.

Outro ponto de reflexão é que das poucas matérias que falam do professor, poucas são as que ouvem os próprios e apenas uma deu voz às entidades que os representam como categoria profissional. Note-se que dos dez principais temas ao redor dos quais se construíram os discursos jornalísticos de nossa amostra – *trabalho, papel e cotidiano do professor; questões salariais, de carreira e valorização do magistério; formação e avaliação de professores, questões de violência no ambiente escolar e*



perda da autoridade em sala de aula - os eixos temáticos referentes às questões de *carreira* e de *trabalho* responderam por 80% das abordagens noticiosas. Essas questões correspondem absolutamente à alçada das organizações de classe, fontes mais que qualificadas para discorrer sobre a política educacional e todo o universo relacionado ao mundo do professor e da escola. Entretanto, constatou-se nesta pesquisa que são fontes descartadas e/ou desconsideradas: ousamos assim dizer que não há o reconhecimento político dos professores pela imprensa radiofônica.

Tais destaques procuram indicar a importância dos estudos que buscam compreender a complexa realidade do trabalho humano no mundo contemporâneo e relacioná-la à maneira como essa complexidade é decodificada, simbolicamente, pelos meios de comunicação, em seus mais variados segmentos e gêneros.

No nosso caso, a imagem construída dos professores, especificamente no meio radiofônico, refere-se a um simulacro discursivo homogêneo e pasteurizado que ora se aproxima, ora se afasta do cenário das responsabilidades reais que circunscrevem a profissão, a carreira ou o cotidiano escolar. Vale aqui citar que no relatório final do projeto “Condições de trabalho e suas repercussões na saúde dos professores de Educação Básica no Brasil” (FERREIRA, 2010), das diversas e variadas situações de trabalho vividas pelos professores brasileiros, os pontos em comum relacionados à grande maioria são que o trabalho do professor é muito mais que dar aulas; suas funções ultrapassam as ligadas ao ensino-aprendizado - daí as dúvidas que apontam sobre o seu papel atual, que não é mais o mesmo e ainda não está bem claro; os professores estão trabalhando demais, seja porque têm muitos alunos em cada turma, seja porque têm muitas turmas ou seja porque têm vários empregos, e que a profissão está desvalorizada financeira e socialmente. O acento diferencial no tratamento desses assuntos pelas emissoras de rádio, contudo, é o que nos parece a grande questão.

Citelli (2006) aponta o potencial comunicativo do rádio como fortemente relacionado não apenas à audição, acionada nos ouvintes pela linguagem verbal oralizada, mas por sua capacidade de evocar imagens e imaginação. No rádio, uma verdadeira rede de sentidos é desencadeada a partir dos jeitos e das formas de uso das palavras faladas: elas se movimentam de acordo com o tipo de interação com o público que a emissora busca atingir. Chegar à sintonia pretendida entre locução e audição, ou seja, encontrar a linguagem adequada aos propósitos dos seus programas, depende do arranjo que a emissora consegue estabelecer entre circulação (analógico, digital, internet), gênero predominante dos programas de sua grade (musical, humorístico,



jornalístico, esportivo), conteúdos e tipo de público no qual está focado (jovem, adulto, local, nacional). Todo este circuito é regido por procedimentos de adequação da estrutura linguística e de esquemas de argumentação e persuasão.

Lembra ainda Citelli (2006) que a pluralidade de códigos e signos em trânsito nos meios de comunicação exige que nos debruçemos sobre o conceito de campo de significação, definido a partir das condições particulares de produção e circulação da informação. Significa que quando os meios de comunicação fazem circular palavras verbalizadas – como é o caso do rádio - elas não apenas se realinham tecnicamente de acordo com o suporte de transmissão mas evocam novas reflexões e entendimentos tanto por parte da produção como das audiências. De fato, esses campos de sentidos resultam da riqueza de cruzamentos permitida pela linguagem híbrida e complexa dos meios de comunicação e das mediações que combinam múltiplos e variados elementos de natureza cultural, social ou etária, por exemplo.

Conclusão

Com a proposta de identificar a maneira pela qual a imagem do professor é abordada no rádio, este artigo vincula-se aos estudos comunicacionais que reconhecem as construções discursivo-verbais como instâncias que evocam e constroem campos de sentidos, ganhando singularidade quando postas em circulação pelos meios de comunicação.

Revedo o seu percurso, a pesquisa nos permitiu concluir que as imagens discursivas diretas ou indiretas construídas no rádio para falar sobre o *trabalho* do professor referem-se a alguém que carrega em si a responsabilidade por todas as questões da educação. Constatamos que quando o rádio fala da *carreira* do professor, sugere que para abraçá-la é preciso equilíbrio emocional para decisões cotidianas, coragem para enfrentar a onda de violência que acomete o mundo da escola e formação adequada para se adaptar ao tipo de aprendizagem exigido em cada um dos níveis do sistema educacional. Os discursos radiofônicos que abordam o *cotidiano* do docente sugerem que a sobrecarga de papéis gera um sentimento unânime de frustração e desvalorização profissional: o professor se sente desrespeitado pelo sistema escolar do qual faz parte, tanto por sua remuneração insuficiente como por falta de condições adequadas de trabalho e despreparo para lidar com todos os problemas que envolvem o cotidiano escolar expandido. Mas sobretudo percebemos que continuará dependendo da



competência do professor dominar o conteúdo acadêmico, desempenhar bem suas funções pedagógicas, técnicas e administrativas, e lidar com o turbilhão emocional, social e cognitivo de crianças e adolescentes.

Por fim, retomamos a ideia de que quando o rádio faz circular palavras verbalizadas, estas promovem novos entendimentos e desencadeiam campos de significações, evocando e ampliando repertórios. Os resultados aqui expostos, apesar de singelos, revelam um rádio de muitas pautas, muitas vozes, mas de poucos olhos e ouvidos para o professor. E se assim é, já alertou Elias Canetti que “*quem não vê o estado do mundo em que vivemos dificilmente terá algo a dizer sobre ele.*”

Referências Bibliográficas

ANDI. **Educação no Brasil: guia de referência para a cobertura jornalística.** Brasília, 2009.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Luís Roberto. **As categorias do entendimento humano e as noções de tempo e espaço entre os nuer.** Disponível em <http://br.monografias.com/trabalhos900/tempo-espaco-nuer/tempo-espaco-nuer.shtml> Acesso em: 19.04.2011.

CITELLI, Adilson. **Palavras, meios de comunicação e educação.** São Paulo: Cortez, 2006.

FERREIRA, Leda Leal. **Relações entre o Trabalho e a Saúde de Professores na Educação Básica no Brasil.** Relatório final do Projeto “Condições de trabalho e suas repercussões na saúde dos professores de Educação Básica no Brasil”. São Paulo: Fundacentro, 2010. Disponível em <http://www.fundacentro.gov.br/dominios/CTN/anexos/relatoriofinal.pdf> Acesso em: 19.03.2011 às 17h23.

FERREIRA, Leda Leal; IGUTI, Aparecida Mari; DONATELLI, Sandra; BARBEIRO LIMA, Cristiane Q. **Relações entre o Trabalho e a Saúde de Professores na Educação Básica em São Paulo.** São Paulo: Fundacentro, 2009.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Argumentação e Linguagem.** São Paulo: Cortez, 1984.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Atividades de referenciação, inferenciação e categorização na produção de sentido. In: FELTES, Heloísa Pedrosa de Moraes (org.). **Produção de sentido: estudos transdisciplinares.** São Paulo: Annablume; Porto Alegre: Nova Prova; Caxias do Sul: Educ, 2003.